# Filosofia no Brasil: presa no passado e na primazia do ser que engessa a ação\* - 20/09/2016

Para Janine, haveria um privilégio da leitura estruturada para estudar a  
história da filosofia já desde os anos 60 que, segundo Porchat, teria travado  
o debate filosófico. Haveria uma renúncia à filosofia, por um lado  
instrumental, buscando a interpretação rigorosa e segura do texto e por outro  
com relação ao conteúdo, tratando a filosofia como patrimônio inspirador que  
não muda o mundo. Para Janine, a filosofia deveria se refazer a partir de um  
choque com o virtual e a globalização, temas atuais. Ao invés da leitura  
estrutural dos escritos de Hobbes do século XVII, deveriam ser abordados os  
problemas políticos de hoje, como fazem os alemães que discutem a União  
Europeia. Segundo Janine, no Brasil a ágora seria infecunda já que as ideias  
novas apareceriam apenas nas teses acadêmicas. Então, pesquisar no Brasil se  
resume a uma leitura dos clássicos. Se os filósofos europeus debatem suas  
questões políticas, os filósofos latinos não debatem o Mercosul, não se debate  
o espaço público em termos filosóficos.  
  
Janine acrescenta que a comunidade filosófica dialoga muito pouco: busca-se a  
interpretação do pensador sem mediação, ignorando-se o que foi escrito sobre  
ele. A tradição é vista sob um aspecto negativo (erros) e não positivo  
(acertos) buscando-se demonstrar a coerência interna do texto sem discutir os  
\_parti pris\_ do método estrutural e sem explicar o contraditório da obra[1].  
No que tange à filosofia política, procura-se lê-la pela chave da ontologia ou  
teoria do conhecimento. A filosofia da ação (seja ética enquanto \_dever ser\_  
ou política enquanto \_pode\_ ser) fica subordinada ao ser. A história valoriza  
o conhecimento e o ser em detrimento da política[2].  
  
Não discutimos nossa filosofia: se a Europa enuncia o universal, o Brasil fica  
restrito ao particular e, dado o desafio, ficamos no conforto do ser e na  
passividade da ação. Porém, hoje o ser está envolvido na ação e temas como o  
estudo do genoma abrem as possibilidades de escolha ou a informática que vai  
da \_res\_ ao \_virtus\_ trazendo novas formas de decisão e capacidades de ação.  
  
Janine então aponta e comenta três pontos falhos do que é feito em filosofia  
aqui no Brasil: a subordinação da ação ao ser, a pressuposição de coerência no  
conflito da obra e a desconsideração da prioridade do autor em relação a sua  
obra. Ao substituir o conflito pela coerência, há um apagamento das diferenças  
e, ao se presar a leitura estrutural e lenta desqualifica-se uma leitura  
apressada que poderia ser vista como uma vertente de guerrilha[3]. A filosofia  
acadêmica desqualifica o adversário como defendendo o senso comum e, na  
lentidão da leitura, perde o pé da ação e pela linguagem compensa-se o  
fracasso do real. De fato, esconde-se aí a dificuldade do brasileiro de tratar  
do conflito escondendo-se em uma aparente harmonia. Recorrendo-se à história,  
evita-se o debate.  
  
Também não se segue a opção do autor ou suas prioridades, elas são  
desqualificadas[4]. Porque preferimos “engessar a ação e dar primazia ao ser”,  
mantendo a nossa zona de conforto acomodada na história. Janine conclui  
apontando que todas essas questões estariam nos mostrando que estamos  
distantes da filosofia e essa falta de familiaridade nos impede de discutir  
nossos grandes temas da atualidade e criar o novo.  
  
   
  
\* \* \*  
  
\* Principais aspectos de \_Pode o Brasil renunciar a Filosofar?\_ , Renato Janine em "A Filosofia entre nós". Indicação de FEUSP-EDM0424/201602 (prof. Paulo Henrique Fernandes Silveira).  
  
[1] Embora possa haver uma aparente contradição entre textos de Rousseau, é  
possível procurar uma \_gestalt\_ que de conta das bifurcações de seu  
pensamento.  
  
[2] A frente falará Janine de Locke que não é estudado por sua política que  
funda as bases do liberalismo, muito mais pelo empirismo.  
  
[3] Janine cita os aforismos de Nietzsche como trecho breve de uma guerrilha  
do conceito.  
  
[4] Vide Hobbes que preferia a física à política.